

FESTA, SOCIABILIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

reflexões de um turista acidental na Feste de la Mare de Deu de la Mercè em Barcelona, Catalunha

Nilton Silva dos Santos

Partindo de nossa condição de turista acidental na Feste de la Mare de Deu de la Mercè, em Barcelona, Catalunha, realizada em setembro de 2005, intentaremos realizar uma análise do papel desempenhado pelos diferentes atores sociais no âmbito daquela festividade anual. Pretendemos demonstrar, por intermédio das vozes que emergem no contexto da Festa da Mercè, como o espaço urbano e seus significados são disputados mesmo em momentos festivos.

Palavras-chave

**BARCELONA, FESTE DE LA MARE DE DEU DE LA MERCÈ,
ESPAÇO URBANO, EFICÁCIA SIMBÓLICA, TURISMO.**

SANTOS, Nilton Silva dos. Festa, sociabilidade e espaço público: reflexões de um turista acidental da Festa de la Mare de Deu de la Mercè em Barcelona, Catalunha. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 63-70, 2006.

Pensar a cidade, a metrópole ou o espaço público tem sido uma das tarefas mais desafiadoras, estimulantes e frutíferas com que diferentes pesquisadores, em diversas áreas, vêm trabalhando desde Georg Simmel, pelo menos. A lição simmeliana de que “sociedade é meramente o nome dado para um número de indivíduos conectados pela interação” serve-nos como ponto de partida, portanto.

Nesse espaço metropolitano, inúmeros fenômenos se desenrolam com seus atores sociais e suas particularidades à espera de leitores preparados para a reflexão. As festas são lócus privilegiados para essa leitura analítica a partir dos materiais que temos disponíveis.

Os trabalhos de alguns estudiosos que já passaram por aqui – Maria Laura Cavalcanti e Felipe Ferreira, por exemplo – ou ainda de outros, mundo afora, tomam a festa como momento propício a se pensar suas conexões com o poder, o lúdico, a mediação cultural, os modos de produção e reprodução tradicionais, etc. No entanto, esse oferecer-se para a fruição que a rua atualizaria não deve dissimular a presença de surdas disputas em curso por atribuir uma eficácia simbólica (Delgado: 2003) própria ao urbano e ao festivo.

Minha proposta é a de pensar, como participante acidental que fui em setembro de 2005, a Feste de la Mare de Deu de la Mercè, em Barcelona, Catalunha. Para tanto apresentarei minhas observações de turista transeunte – mais do que as anotações de um caderno de campo sistemático, na tradição antropológica de

Malinowski – e analisarei, sobremaneira, a repercussão na imprensa catalã dos eventos festivos.

A Feste de la Mare de Deu de la Mercè¹ acontece anualmente em Barcelona,² Catalunha, homenageando a padroeira daquela cidade, responsável por tê-la salvo de uma praga que havia levado a miséria ao campo, no ano de 1687. Seus trabalhos festivos começaram, em 2005, oficialmente, no dia 22 de setembro e atingiram seu final no dia 25 de setembro, reunindo dois milhões de pessoas ao longo desses quatro dias.

São realizadas nos mais diversos sítios de Barcelona atividades artísticas, esportivas e culturais, sob a coordenação da prefeitura municipal (o Ajuntament de Barcelona), que procuram comemorar a “cidade integradora”. O cartaz desse ano tinha como lema “*Tots som la Mercè! Visquem-la amb civisme.*” (Todos somos a Mercè! Vivam-na com civismo.) e trazia o rosto de uma escritora de “origem cubana”, tendo sua face coberta por linhas que representam um “mapa simplificado dos bairros de Barcelona”. Abaixo de seu rosto, a inscrição Mercè 05, tendo a letra “M” a silhueta da Basílica da Mercè e sobre o número “5” um gafanhoto para recordar a praga.

O prefeito de Barcelona, Joan Clos, afirmou ser essa uma festa da Mercè que marcaria “um compromisso com o *Estatut* e como civismo pela convivência” entre as pessoas, ecoando as palavras proferidas pelo arcebispo de Barcelona, Lluís Martínez Sistach, na homilia na basílica da Mercè.

Clos afirmou após o primeiro dia de festejos que

o clima cívico e festivo continuará durante a festa e que a gente desfrutará “a música, a magia, o *correfoc* e os *castellers*”.

Em sua opinião, “a maioria dos cidadãos se comporta de forma exemplar, coisa que nos agrada muito”.

Apesar do esforço do prefeito Joan Clos em qualificar os festejos como “cívicos” e o comportamento dos cidadãos como “exemplar”, o jornal local *La Vanguardia*, de 24 de setembro, estampava em seu caderno “Vivir” a seguinte manchete: “Limpeza a fundo”. O subtítulo explicava: “as brigadas se apressam em ‘adecentar’ Barcelona depois de havê-la sujado os incívicos”.

Nas descrições da matéria, a cidade se havia convertido numa imensa sujeira, apesar dos esforços da prefeitura em oferecer 311 banheiros químicos e 1.500 lixeiras, com grupos de jovens bêbados, fumando maconha e com “vontade de romper barreiras”. A festa da Mercè, afirmou o jornalista Xavier Mas de Xaxàs, havia mais uma vez demonstrado que as festas multitudinárias relaxam as pautas cívicas.

Para o jornalista, o forte efetivo de segurança pelas ruas da cidade não impediu que os incívicos urinassem pelos cantos, comprassem cerveja Damm dos *lateros* de origem paquistanesa, consumissem-na pela rua e falhassem no lançamento dessas latas vazias nas lixeiras disponíveis. A matéria termina afirmando que

a rua, de todas as formas, foi um espaço de convivência, graças, sobretudo, ao bom clima que contagia a Mercè mulata de 2005.

Às páginas dois e três, temos uma grande matéria assinada pelos jornalistas Óscar Muñoz e Claudia Cucciarato, com o título de “Maldita diversão”. No subtítulo, somos informados de que

milhares de jovens desfrutam da festa na rua durante a noite sem se preocupar em manter um comportamento cívico.

As fotos ilustrativas apresentam a Praça Catalunya cheia de restos de latas de cerveja, papéis, sacos plásticos, etc., um jovem urinando numa parede na Praça Reial, “restos da festa” próximo a uma lixeira vazia e, finalmente, um grande grupo de pessoas, na maioria jovens, descendo na estação de metrô El Maresme-Fòrum.⁵

A matéria reforça com as fotos e o texto que os “jovens” são os grandes protagonistas da festa, ou melhor, deveríamos dizer, os grandes incívicos que só querem aproveitar o bom clima da festa, sem limite algum para suas ações a não ser aquele de evitar qualquer “dano pessoal”.

Devemos destacar que as avaliações negativas, feitas especialmente pelos repórteres nos diferentes periódicos locais, além dos cidadãos por meio de suas associações vicinais, sobre determinados eventos festivos que transcorrem em Barcelona – o título do Barça na última temporada futebolística reuniu mais de um milhão de pessoas pelas ruas da cidade!!⁶ – põem em evidência uma dis-

puta importante. Uma luta sobre o sentido da festa, sobre os usos apropriados do espaço público e, de certa maneira, a propósito da vocação turística da cidade.

Uma preocupação ressaltada pelos jornalistas, incluindo os de El País (com sede na capital madrilenha), em sua versão impressa para a Catalunha, decorria dos eventos tumultuosos transcorridos durante a Fiesta Mayor de Gràcia,⁷ acontecida em 2005, entre os dias 16 e 18 de agosto. As altercações ali ocorridas eram temidas pelos periódicos e, em certa medida, pelo prefeito e seus representantes administrativos. Outro problema a ser evitado pelo Ajuntament de Barcelona era identificado com a ação reivindicativa de “grupos anti-sistema” durante o evento.

*

Se a formulação clássica de Jürgen Habermas, em “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, sobre o papel relevante dos jornais na constituição da chamada “esfera pública burguesa” parece estar correta, compreender essa pequena ocorrência “*callejera*” ou “*incívica*”, na forma como foi tratada pela imprensa impressa, poderá revelar opiniões importantes sobre como está e como deve ser a cidade que se quer.

Patrícia Santos Neves Burke (1996), em sua dissertação de mestrado *O Jornal empauta*, tratando da coluna de cartas do *Jornal do Brasil*, destaca, partindo de observações feitas por Yves Ma-

mou, o “carácter fabricado da informação”. Na formulação da notícia, o carácter relacional entre o informante e o jornalista está irremediavelmente em jogo. Ora, essa relação também estará refletida na coluna de cartas dos jornais – objeto da reflexão de Burke –, assim como na forma de apresentação do material jornalístico e na ênfase dada aos relatos e fotografias que ilustram qualquer matéria. Há diferenças entre uma matéria com direito a “chamada de capa” e a disposição sem destaque no interior do jornal.

A coluna de cartas do leitor funcionaria como fonte para os jornalistas, para a lógica de reprodução do próprio jornal, para seu cotidiano. Utilizando-se de Benedict Anderson, a autora enfatiza a

construção de uma relação de cumplicidade em que, se por um lado a aproximação entre as partes cumpre objetivos diversos, por outro se estabelece um vínculo em torno da centralidade do próprio jornal enquanto instrumento ou objeto partilhado” (Burke, 1996: 23).

O estreitamento desse relacionamento, informa-nos Burke, entre jornal/jornalista e leitor/informante pode crescer a tal ponto de o veículo jornalístico se tornar um “intermediário” – termo empregado pela autora ao longo do trabalho – ou “mediador” (na acepção do termo propugnada e desenvolvida, na combinação das lições da escola antropológica britânica com as do interacionismo simbólico,⁸ pelos estudiosos das sociedades moderno-contemporâneas) não

apenas das demandas do consumidor, como também dos direitos do cidadão.

Esse movimento dos direitos, de uma concepção mercadológica e de consumo para outra, cidadã, reivindicativa e participante (nas ocasiões em que, por exemplo, o leitor se dirige por meio de correspondências e telefonemas à redação do jornal), redireciona e amplia o escopo de alcance e ambição das folhas diárias, retirando-as da esfera privada e recolocando-as ao encontro de sua vocação pública – são as conseqüências lógicas a que podemos chegar, seguidas as formulações de Anderson, Burke e Habermas.

Como afirma Patrícia Burke, o jornal se transforma em caixa de ressonância do cotidiano da cidade, bem como tem seu caráter público reforçado pelo elo com o leitor (id., *ibid.*: 124). Haveria uma circularidade à Bakhtin,⁹ portanto, que faria com que a notícia não tivesse propriamente uma origem unívoca, mas antes fosse o resultado desses múltiplos processos de interação social (Goffman:1985).

Isabel Travancas (1993), em pesquisa que discutiu a identidade do jornalista, observou ser esse profissional protagonista de uma

função importante em termos da construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a idéia de cidadania está subordinada à formação (p.107).

Ora, as observações de Travancas e Burke convergem no sentido de qualificar o mundo dos meios de comunicação

de massas, em particular o dos repórteres e o dos jornais, como central no estabelecimento de uma arena de debate público, que se engendraria a partir das informações ali veiculadas.

Patrick Champagne, em seu livro *Formar a opinião: o novo jogo do político*, chama a atenção para a influência midiática no jogo de configuração da “opinião pública”, mediante o recurso de pesquisas e sondagens analisadas por especialistas, os cientistas políticos, e outros técnicos na arte de decifração das tendências de opinião.

Apesar de Champagne estar apresentando o caso francês, sua premissa corrobora as considerações, para o caso brasileiro, de Travancas e Burke, da

posição essencial ocupada, atualmente, pela mídia; com efeito, os jornalistas que dão conta do “acontecimento” contribuem amplamente para que este exista do ponto de vista político, isto é, para que exista (Champagne, 1998: 15).

Se nos valermos das formulações de Howard S. Becker (1977), podemos concluir que esses profissionais da notícia também fazem parte, portanto, do campo de luta eminentemente político em torno do poder de enunciação de verdades.¹⁰ Este parece ser o caso no relato aqui exposto em torno das festividades em honra à padroeira de Barcelona.

A atenção da prefeitura de Barcelona não apenas com os equipamentos sanitários e as latas de lixo, além das equipes tratando de limpar as vias públicas tão logo a festa acabasse, foi secundada

por um aparato policial considerável para evitar conflitos físicos e atos de protesto mais ruidosos. Como observa em obra coletiva o Grup de Recerca Etnografia dels Espais Públics de l'Institut Català d' Antropologia (ICA), sob a coordenação do antropólogo Manuel Delgado, ao discutir as festas no espaço cidadão barcelonês como as da Mercè e a dos Jogos Olímpicos de 1982, “o *happening* permanente em que se transformou a cidade de Barcelona significa o triunfo da pompa rococó” (Delgado, 2003: 114), capitalizado pelas autoridades municipais.¹¹

Parece-me que as exortações do prefeito Joan Clos, bem como aquelas observações dos periodistas em geral, visavam a regular quais seriam os usos adequados da rua por parte dos participantes da festa e qual seria o sentido simbólico esperado para a Feste de la Mercè. Uma cidade, enfim, que continuaria reforçando sua “vocação turística”, a partir da prefeitura da capital catalã, com a ajuda das observações “críticas”, portanto, dos jornalistas de plantão.

Uma cidade que, quando menciona as manifestações de protesto transcorridas durante o ato inaugural da Feste de la Mare de Deu de la Mercè, observa que elas aconteceram com “tranquilidade” cívica, como seria de sua tradição democrática e característica do *seny*¹² catalão.

Uma Barcelona que deve continuar a ser “integradora”, além de afastar os eventuais comportamentos “incívicos” por intermédio de dispositivos punitivos, se preciso for. Em matéria publicada pelo

jornal *Folha de S. Paulo*, um mês depois da comemoração da Mercè, com o título de “Barcelona multará visitantes arruaceiros”, somos informados sobre as sanções e multas que incidirão a

quem for visto urinando, vomitando, andando com latas de cerveja abertas ou seminu na cidade espanhola.

A força regulatória da municipalidade torna-se abrangente, portanto.

Eis a Barcelona que se consolida às vésperas de ter seu abençoado *Estatut* autônomo regional aprovado e sancionado por José Luis Rodríguez Zapatero, presidente do governo da Espanha. A cidade como espaço de múltiplas sociabilidades contrastantes continua em pauta, cada grupo ou coletivo de indivíduos propondo usos específicos e autorizados para o espaço público. Por esse motivo é preciso ler os diferentes periódicos e suas análises de uma perspectiva crítica.

No caso da Feste de la Mare de Deu de la Mercè nada está posto de maneira imutável, definitiva, mas vai sendo construído no processo de múltiplas interações sociais. Em suma, como observa Manuel Delgado, ao discutir os usos simbólicos do espaço público em Barcelona, as festas não são espaços apenas harmônicos e de culto ao passado; mas também nesses eventos os conflitos não são uma matéria estranha aos costumes; as festas anunciam as virtualidades, as energias e as potencialidades que se expressarão no tempo fazendo, desfazendo e refazendo a sociedade (Delgado, 2005: 13).

NOTAS

- 1 O dia de Nossa Senhora das Mercês é 24 de setembro.
- 2 Informações sobre a cidade podem ser encontradas na obra de Robert Hughes (1995) intitulada *Barcelona*.
- 3 Desfile de dragões, gigantes e monstros com manuseio de fogos de artifício.
- 4 Grupos de homens que montam nos ombros uns dos outros formando pirâmides humanas. Tal procedimento desenvolve-se em forma de competição entre os grupos, objetivando a construção da maior pirâmide.
- 5 Estação de metrô (linha 4) construída em 2003 para abrigar o Fórum Universal das Culturas, evento transcorrido em 2004. De uma perspectiva crítica, o antropólogo catalão Manuel Delgado afirma que a cidade de Barcelona “vive um colossal processo de urbanização e, como das outras vezes, parece requerer algum grande evento que a legitime simbolicamente”. Para Delgado estaria em marcha um processo de higienização e de escamoteamento dos conflitos do espaço urbano com a transferência de importantes áreas da cidade para as mãos da especulação imobiliária. Ver seu artigo “El gran circo de las culturas” publicado no jornal *El País* de 11/09/2002.
- 6 Sobre a importância do Futebol Club Barcelona e suas ligações com a cidade catalã ler o artigo “O discreto charme do nacionalismo burguês”, do jornalista Franklin Foer, em seu livro *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização* (2005).
- 7 Cada bairro tem sua própria festa, e nela cada rua compete para ver quem faz a decoração mais original. A melhor e mais espetacular delas é celebrada no bairro de Gràcia.
- 8 Consultar Velho (1994) e Velho e Kuschner (1996 e 2001).
- 9 Ver sobre o tema da circularidade Bakhtin (1987).
- 10 Gostaríamos de enfatizar que a luta pela possibilidade de emitir uma opinião sobre qualquer assunto nos meios de comunicação de massa, mesmo podendo ser de caráter material, é também de natureza essencialmente simbólica ou por visão de mundo. Em outro caso estudado por Champagne (1993), a visão midiática dos jornalistas e suas *enquêtes* locais estariam focalizando, sobretudo, os afrontamentos, entre jovens imigrantes e policiais, no *banlieue* francês de Vaulx-en-Velin (Lyon), mais do que a situação objetiva que ela provoca. Para Champagne, esse seria um “sintoma mais geral da sociedade que tende a tratar independentemente as situações concretas” (p.112).
- 11 Delgado (2003).
- 12 Essa expressão pode ser traduzida, aproximadamente, como senso prático, ponderação, juízo. Na maneira de ser do catalão haveria também operando dualmente a *rauxa*, ou seja, o arrebato, a loucura, a exaltação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB. 1987.
- BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

- BURKE, Patrícia Santos Neves. *O jornal em pauta: um estudo sobre a coluna de cartas dos leitores do Jornal do Brasil*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. 1996.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte/UFRJ. 1994.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo do político*. Petrópolis: Vozes. 1998.
- DELGADO, Manuel. Carrer, festa i revolta: els usos simbòlics de l'espai públic a Barcelona (1951-2000). *Temes d' etnologia de Catalunya*; 8. Barcelona: Generalitat de Catalunya/Institut Català d' Antropologia. 2003.
- _____. *Elogi del vianant: del "model Barcelona" a la Barcelona real*. Barcelona: Edicions de 1984. 2005.
- FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- FOER, Franklin. O discreto charme do nacionalismo burguês, In: *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes. 1985.
- HUGHES, Robert. *Barcelona*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.
- VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. *Mediação e metamorfose*. *Revista Mana*, 2(1), 1996.
- _____. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2001.
- WILLIAMS, Roger (coord.). *Barcelona e Catalunha*. São Paulo: Publifolha. 2001.
-
- Nilton Silva dos Santos** é professor da Universidade Candido Mendes (Ucam) e doutor em antropologia cultural pelo IFCS/UFRJ.

